

JOÃO EM SUA TERRA

João tomou a camioneta perto das onze, telefonara ao irmão na véspera à noite e ele convidara-o para almoçar. Para ele, João, era questão de urgência e o assunto da visita não podia ser tratado ao telefone, grave como era. Pouco antes da uma bateu à porta da moradia confortável que ao irmão viera do sogro, como a clínica que fazia, logo depois do casamento de certo modo vantajoso. Era na Avenida do Marechal Carmona, via principal daquela vila alentejana de boa fortuna rural. Antes, para fazer horas, ainda tomou um carioca no Café Central, de mesas de mármore e pés cromados que eram de luxo bem conservado nos seus espelhos de parede, biselados. O irmão não voltara ainda e pareceu-lhe que a cunhada o recebia com uma desconfiança espreitando no olhar, impressão, certamente, na tensão em que se encontrava. Procurou acalmar-se, observando-a com uma simpatia que sabia forçada, mas necessária. Ela era mais velha que o irmão, já perto dos quarenta que disfarçava com algum azedume generalizado. O Carlos tinha mais sete anos do que ele, trinta e três então, contou quase automaticamente, ao perguntar pelo sobrinho, o Carlinhos, que vira uma só vez, três ou quatro anos atrás, e ficara, hesitava ele em pensá-lo, filho único, com sete ou oito anos já. Almoçava no colégio, disse-lhe a cunhada, só voltava às seis horas. Que pena, João não ia vê-lo; e reparou então que não lhe trouxera nada, um brinquedo ou coisa assim. A pena foi ele quem a disse e a cunhada assentiu, sem exagerar os sentimentos. O marido já estava atrasado, mas às quartas-feiras era natural. Não lho tinha dito? Não, mas não tinha

importância, podiam conversar depois do almoço. Ele só tinha consulta às quatro, fixou a mulher.

A criada, de avental branco, viera servir os aperitivos, por ordem já recebida, e numa bandeja de casquinha. O Carlos só bebia uísque, mas tinham cinzano, se preferisse. João pensou que ela ia dizer «o mano», mas não, disse o João, com um à-vontade mais urbano, embora forçado, ao que parecia. Pusera sapatos de tacão alto para recebê-lo e pintara-se mais do que seria natural. Estava muito calor, em Lisboa menos, com certeza, mas o Alentejo... Não que ela tivesse desejos de Lisboa, onde nunca habitara, mas fazia cerimónia em falar da temperatura em que sempre legitimamente vivera, ali ou num pequeno monte que o pai comprara por «standing», já ela era crescida e andava num colégio de freiras; a moradia viera depois e só agora, na verdade, era casa de família, com pouco mais de vinte anos de idade burguesa, na vila que se desenvolvera também. Chamara-se, inicialmente, vivenda Cândida, do nome da filha única que era, mas isso esquecera com o painel de azulejos oculto por uma trepadeira, e número no pequeno portão do jardim, além da placa areada, dos dois médicos que se sucederam, em clínica geral.

O Dr. Carlos de Vasconcelos Lopes chegou enfim, com um abraço sincero dado ao irmão. Nunca apareces!, e era verdade, não se viam desde a morte do pai, há quase três anos, ou só uma vez, depois, no escritório do notário, para acerto amistoso de contas, que o irmão mais velho quis. És um desmazelado... Era preciso pôr as coisas em ordem, ainda a herança da mãe que ficara durante anos a cargo do pai, e deste, um simples seguro de vida, tarefas já divididos, e uma boa biblioteca de professor que não podia interessar a Carlos, com os livros do sogro em casa, que, aliás, não deixava de ir aumentando em conhecimentos mais actualizados. Embora sem especialização, que não tirara, os seus clientes vinham mais pelo aparelho digestivo. Deixara ao irmão os latinórios do pai, em que nunca entrara, e não quisera qualquer valorização que João propusera, quando aparecera um leiloeiro a rondar a porta, atraído pela fama da biblioteca especializada, fruto de muitos anos de dedicação desinteressada do Dr. Amílcar que pelo liceu se deixara ficar, numa austeridade que era de geração. No meu tempo..., dizia ele, e era respeitado por isso.

Carlos, com a sua medicina, saíra praticamente de casa há quinze anos e fixara-se ali há mais de dez, casado em breve. O pai, se tivesse querido..., dizia ele, e vinha-lhe muitas vezes ao pensamento esse apreço de adolescência que se constituíra em casa, na modéstia do dia-a-dia familiar. Ele quisera então projectar essa perspectiva curricular no irmão, cujo curso seguia, ou desejava seguir — mas como, com a vida que se fizera, a mais de cem quilómetros de distância, que eram mais do que podia parecer, em outro mundo de coisas e interesses?... À morte do pai ainda lhe disse um: «E agora, João?...», mas ficara-se naturalmente por aí. Se precisasse de alguma coisa, bem sabia que... O irmão rira-se, com mais tristeza do que orgulho. Vivera sempre com o pai e longe do irmão, defendera-lhe o casamento ante a severidade paterna; arranjo que tivesse sido, era com certeza sincero e honesto, mas as circunstâncias não tinham deixado de o afastar, vivendo diariamente com o pai naquele casarão à Estrela, que a mãe tinha deixado cedo de mais.

— E a Amália, como tem passado? — Tratara-lhe de uma úlcera no estômago, recomendara-a a um colega, anos atrás, já. Nunca mais tinha tido sintomas?... Não, mas era também por causa dela que João tinha vindo falar-lhe.

A cunhada não entrou na conversa, em que sentia uma cumplicidade que lhe era alheia. Eles, ali, não tinham peixe, como em Lisboa... Era uma maneira de fazer conversa, mas tinha um jeito antipático na boca. O João nunca tinha gostado de peixe, afiançava-lhe o marido. O que a Amália se ralava por causa disso, ouvira dizer que o peixe tinha fósforo para os estudos. E o pai achava que ela tinha razão... — Lembras-te? — Carlos ria-se com certa superioridade, embora sinceramente. A mulher também sempre ouvira dizer... Falara para ser simpática, pondo de parte uma questão antiga, mas Carlos atalhou, com uma irritação inesperada:

— Aprendeste isso nas freiras, foi?...

A conversa ficou suspensa no almoço, João não teve coragem para rir, a cunhada disse apenas um «foi», que não se ouviu.

— E o Carlinhos? — fez ele, como se perguntasse. — Trabalha bem? — Olhou para a cunhada mas foi o irmão quem lhe

respondeu, agora já bem-disposto, num grande riso. Trabalhava sim, mas muito mimo da mãe... Acrescentou ainda «filho único» mas sem queixa aparente, quando João o interrompeu. Oito anos já, não é? Não, não, sete, disse a cunhada, e oito meses. Carlos riu-se, sem mal.

— Nem sabes a data dos anos do teu sobrinho, homem! É em Outubro — acrescentou a mulher. Ia entrar com nove anos para o liceu, como se dizia no tempo deles, interrompeu o pai.

— Como nós! Era o orgulho do nosso pai!... — Riram-se ambos, com uma melancolia visível. — Formaste-te aos vinte e dois, não foi? — Carlos tinha as contas certas —, eu aos vinte e quatro — mas a medicina é outra coisa... Então, não!... apoiou o irmão, com uma vénia de respeito. A cunhada olhava-os sem entender bem.

— A Cândida nunca teve irmãos, não é? — disse-lhe João, como se explicasse, mas ela não sabia como tomar a observação, quando o marido desatou a rir-se.

— Bem, temos que conversar, não é? — Tinham acabado o almoço, com uma tarte de laranjas que Cândida fora fazer de propósito à cozinha e que, como sempre, resultava bem. Era à francesa, disse ela, excelente, apreciou João.

— Sim, está bem, está óptimo, és um anjo pasteleiro, mas o café vamos tomá-lo no escritório, nós os dois...

A mulher sabia bem que não devia aparecer, mas ficara atenta ao que podia passar-se na visita inesperada do cunhado, num vago e irritado receio. Sentou-se ela com um café na varanda da sala de jantar, e acendeu outro cigarro. Levantou a mesa depois, disse para a criada que a enervava, agitando-se com ruído, no calor da tarde que lhe parecia insuportável. Sem querer, ou por querer, não tirava os olhos da porta do escritório: eram já três horas e o marido tinha consulta às quatro. Na verdade, ou sua verdade, e sem saber porquê, ela pensava que o cunhado vinha pedir dinheiro emprestado ao irmão.

Por detrás da porta do escritório, com móveis de contraplacado, folheados a raiz de nogueira, que vinham do sogro, e apoiando os cotovelos no tampo de vidro da secretária onde pouco trabalhava, tendo o seu gabinete na clínica, Carlos estendeu as pernas com uma careta de satisfação.

— Tive uma manhã do catano... Mas diz lá, querias falar comigo... — Olhava com ternura para o irmão, que se encolhia num maple de pergamóide, defronte. — Algum sarilho? — riu-se. — A Vera?...

João abanou a cabeça, não, não era nada com a Vera, mas a hipótese do irmão vexara-o, mesmo com a confiança que entre os dois não podia deixar de existir.

— Então, homem, desembucha... Sempre foste assim... — Mas Carlos começava a estar inquieto, e atento ao que o irmão ia dizer.

— É mais complicado do que isso... — João levantou-se e deu dois passos até à janela. — Vou-me embora para França...

— Que história é essa? Vocês zangaram-se? — Carlos deu uma risada brincalhona.

— Não. Fui chamado para Angola!

João falou em voz muito baixa, e sobretudo sem expressão. A réplica do irmão foi violenta:

— Foste chamado? Mas como? Então o estágio? — Era uma série de perguntas e de objecções a que João não podia responder assim. Carlos ergueu-se então, com gravidade. — O que é que pensas fazer?

O irmão teve vontade de lhe responder «pôr-me na alheta». Era um calão que o pai lhes tinha ensinado, mas com uma fonte erudita, porque ele lhes explicara o que alheta era, nisso pondo um cuidado pedagógico adequado.

— Vou fugir, como toda a gente...

— Mas lixas a tua vida! E a Vera?

— Ela vai ter comigo a Paris. — Carlos olhou-o com espanto, vendo as coisas já decididas. Sim, estava combinado...

— Não é possível obter um adiamento? Que diabo, o Zé Potes tem o braço muito comprido. — Era o «lobby» alentejano a funcionar no seu espírito, com o devido respeito pelos poderes bem estabelecidos na província e no país. Mas João abanou a cabeça. — Falaste com ele?

— Falou a Vera... Foi um temporal desfeito! No fundo, ele quer ver-se livre de mim, e é uma ocasião que vem de fora, de mão beijada... — A menos que ele próprio a tenha provocado, sabe-se lá! A ideia viera talvez só agora, no desalento em que se encontrava.

Carlos olhou-o, procurando uma solução prática. A tia?

— Não, também tentou, foi a Évora de propósito, mandou vir a limusina...

O irmão sentiu-se ofendido, para além da consideração local que era muito forte e a que se sujeitava, numa reacção automática. O poder fundiário do Zé Potes chegava bem até à Avenida do Marechal Carmona da sua vila, cem quilómetros além.

— Mas o que é que tu dizes?

— O que é que queres que eu diga?

— É uma estupidez! — João olhou-o desconcertado, mas ele continuou: — Tudo isto. A guerra... O velho está balilas, os americanos estão contra, vai ter que negociar. Não pode aguentar com a despesa. Sabes quanto é que a guerra nos custa, por dia? Pois, ninguém sabe, mas é uma loucura...

Nunca tinham falado na guerra colonial, de resto não se tinham visto ou falado desde que ela começara. E também nunca tinham trocado impressões políticas, até por as não terem nas suas vidas profissionais, e João ficou assombrado pela posição do irmão.

— Achas que?

— Acho que, acho que... É o que toda a gente acha. Se não fossem os russos, já tinha vindo ordem da América...

Caiu um longo silêncio. Carlos levantara-se também.

— Queres outro café? Não? Tomo eu. — Chamou a mulher da porta mas só para lhe dizer que mandasse a criada trazer mais café, não para ela vir e não dando saída ao seu olhar interrogador. Era uma história só entre eles, uma história de clã..., que ali havia de se resolver.

— Olha que tens a consulta daqui a dez minutos... — Era falso, faltavam ainda vinte minutos para as quatro. Carlos não deu resposta à mulher. — Queres que telefone à D. Aida? — Também não respondeu, e fechou a porta secamente.

— Não te quero perturbar a tarde... — disse João, apagadamente.

— Vai-te lixar! — Carlos estava indignado com a situação do irmão e pronto a combater por ele, mesmo para além da tranquilidade da sua vida instalada, que pudera defender numa outra circunstância profissional. Ele próprio era capitão-médico, miliciano, é claro, mas ficara a dirigir serviços de Saúde na provín-

cia, sem precisar de pedir nada: um irmão do sogro era alta patente nos serviços em Lisboa, no Hospital da Estrela, e requisitara-o sem discussão; fora promovido logo em 1962, no começo das operações.

— Mas como é que sabes? — João contou-lhe que fora convocado sem esperar, e já tinha assinado a ordem recebida. — Não devias ter assinado... — À surpresa do irmão, replicou que o que era preciso era ganhar tempo. Nestas coisas, o que vale é o tempo.

— Não contava com isso...

— Agora, se não te apresentares, és dado como desertor... — Mas veio-lhe uma ideia: — E no Ministério da Educação? Estás a fazer um estágio oficial, cos diabos!...

— Ainda falei ao reitor, mas ele ficou cheio de medo, que não podia intervir. E nem tinha recebido qualquer comunicação, como é que havia de fazer? Já era o segundo estagiário que lhe tiravam.

— Não lhe disseste nada, espero...

— Nada de quê? — João reagia lentamente de mais.

— De quê, de quê! Da tua intenção de te safares...

— Não, não disse, nem aos colegas. Fui falar com um antigo colega de curso do Passos Manuel, que andou metido nas greves de 62. Tínhamos ficado amigos e foi ele quem me estabeleceu ligações...

— Então o teu projecto já está adiantado... — João fez que sim, sem olhar o irmão. — Mas é seguro, tens a certeza?

João disse que sim, que confiava no amigo, que outros já tinham passado pela mesma rede clandestina.

— Ele é comunista, o teu amigo? — Carlos manifestava natural inquietação. — Que compromisso é que tu assumiste?

— Nenhum compromisso, ele sabe que eu não faço política. É uma relação pessoal apenas. Aliás, ela é mais com a Vera...

— João não queria dizê-lo, mas disse-o, um tanto para sossegar o irmão e um tanto para sua própria consolação. E não creio que seja do partido, é engenheiro... — Não era decerto razão, mas dava verosimilhança à situação, para o irmão também.

— Mas sabes como é? Tens um plano certo? Não, não quero que me digas, mas fico em cuidado... Tu tens passaporte,

quando foste a Paris, há três anos, não foi?... Ah, não, não chegaste a ir, foi o ano da morte do pai...

João tinha ido até à janela e, na contraluz, parecia-lhe frágil, jovem de mais, sem experiência para dar tal passo.

— E a Vera, como vai?

— Não, não vai comigo, é claro. Acaba o curso este ano, daqui a um mês tem os exames finais, e a tia prometeu-lhe pagar um mestrado na Sorbonne, durante dois anos. Está tudo pensado, por esse lado não te apoquentes. O pai não pode opor-se, que ela já é maior (Carlos pensou que isso era argumento óbvio e infantil), e entretanto tirou passaporte, com urgência, no Governo Civil; já o tem.

— Mesmo assim, o pai Potes...

— Não, não se atreve, tem a irmã à perna, e ela manda nas propriedades e já o ameaçou. Não, não lhe disse da Vera, foi quando interveio a meu favor...

Havia uma certa inocência na história assim contada ou imaginada. Carlos considerou as coisas:

— E tu?

— Eu arrisco, que posso eu fazer? Não quero envolver-me na guerra, tenho horror de todo esse histerismo... — João levantara a voz, encontrando nisso uma coragem que sabia nem sempre ter, e lembrando opiniões então recentes que as circunstâncias modelavam. Não fora Vera quem?...

— Tens dinheiro? — perguntou de repente o irmão.

— Tenho, sim, mas aconselharam-me a não levar comigo mais do que o necessário para a viagem. O passador é pago aqui, já tenho o dinheiro preparado. — A um aceno do irmão disse: — Vinte contos. Depois só preciso que me mandes um cheque pelo correio, eu deixo-te ficar o depósito, para os primeiros tempos.

— De quanto precisas?

— Eu tenho... — Mas o irmão insistia. Ele tinha feito as contas, seriam uns vinte contos para os primeiros três meses, depois veria...

— Bolsa não apanhas... — Riram-se, ambos, mas enervados. Era possível conseguir uma ajuda em Paris, algum trabalho, talvez de traduções. De qualquer modo, ia inscrever-se para uma tese de doutoramento. João animava-se com o projecto.

— Será melhor do que em Lisboa. E hás-de voltar, rapaz! E não vai tardar muito. — Carlos estava comovido, mas insistia em ajudar o irmão. — Não precisas de deixar nenhum depósito que o dinheiro lá te vai parar, só é necessário que me dês as coordenadas, e logo que chegares a salvo...

Mas havia o caso da Amália, a governanta que já servira a mãe e os criara a eles, e que ficava sozinha na casa. Era isso que João queria acertar com o irmão, que logo se prontificou a ficar com meias despesas, sem que ele lho pedisse. Cuida dela, coitada... Era das coisas em que podia confiar no irmão, por sentimentos; ele só acenou que sim. Para a renda da casa ficava dinheiro no banco, era só dar ordem de pagamento mensal, como para a água, a luz, o telefone. João tinha pensado em tudo, e o irmão apreciava o seu despacho.

— Como vais dizer à Cândida? — João hesitava na pergunta.

— Está descansado, só há-de saber depois. — Deram um grande abraço. — Vais ter saudades do Jardim da Estrela... Até eu, às vezes, tenho. — Tinha o monte, tinha, mas não era a mesma coisa! E depois, baixando instintivamente a voz: — O pai é que havia de ter um grande desgosto... Escapou disso. Nem da guerra já soube, mas ele seria contra... — Olharam-se numa hesitação, e um deles acrescentou o que o outro certamente pensava, que os velhos republicanos ainda estavam fiéis às colónias... Cândida bateu então à porta, eram já cinco horas e a D. Aida telefonara duas vezes, a saber.

— A culpa é minha — disse João, com um sorriso a que ela não respondeu. — Mas vou-me já embora...

— Fica para jantar — disse-lhe o irmão. — Vês o pequeno... — Não podia, ia na camioneta das seis. Não era às seis, emendou Carlos, mas ia ainda a tempo, e saíam os dois; ele deixava-o na estação.

— Grande conversa — comentou Cândida, despedindo-se, com um sorriso atravessado.

— Cá na família somos assim, poucas vezes, mas quando é preciso... Vai mas é telefonar à D. Aida a dizer que vou a caminho.

Faltava meia hora para a camioneta, detiveram-se ainda num café cheio de gente, à espera, ao lado da estação. Foi preciso que João dissesse para o irmão, rindo, que se fosse embora, que tinha os doentes no consultório.

— Não vão morrer desta... — Carlos não se sentou e só lhe perguntou quando era.

— Na sexta. Tinha que me apresentar na segunda, e já devo estar então em Paris, se tudo correr bem...

— Telefona-me logo que chegues, a qualquer hora, mesmo antes de chegar a Paris. E telefona-me antes de partires...

— Vai ser muito cedo... — E então?, disse-lhe o irmão. Mas logo, escondendo a emoção:

— Até breve, rapaz! Ainda vou ver-te a Paris, um dia destes...

— Tens passaporte? — E oficial, disse-lhe o irmão, numa careta. João entrou numa sonolência a caminho de Lisboa, pela estrada cujo trânsito se adensava à proximidade da cidade. Sobre a Ponte Salazar viu que o dia caía já, de cada lado do rio, mais azul para montante, com laivos dourados entre as nuvens leves, pela barra fora. Teve um breve arrepio que o fez sorrir, fechando os olhos para não ver, ou para reter por dentro aquela última paisagem da sua juventude que ia partir em viagem, não quis dizer em exílio. Na verdade, porém, poucas vezes atravessara a ponte.

Tomou um táxi para casa onde Amália se inquietava com a sua demora para jantar — e ainda não lhe dissera que ia partir daí a três dias. Nem sabia como lhe dizer. O irmão cuidaria dela, mas, coitada, era uma preocupação a que João não podia entregar-se agora. Vera sabia que ele ia despedir-se do irmão e tinham combinado encontrar-se em casa dela e da tia, na Escola Politécnica, à noite, mas havia um recado para ele: tinha telefonado um Senhor Matias, disse-lhe Amália, era só para dizer ao senhor doutor; não dissera mais nada, não havia recado, resmungou ela. João sabia o que era e saiu a telefonar de uma cabina (sobretudo não telefonasse de casa) para o número que tinha. Respondeu-lhe uma voz de criança, a dizer que tudo estava certo, quando ele deu o nome combinado: era do Hotel Tivoli.

João voltou então a casa, mas sentia-se exausto, depois daquele dia que esperava mais complicado do que tinha sido, com o irmão. As observações dele surpreenderam-no, devia ser de alguma relação mais recente, porque nunca pensara ouvir-lhe dizer tais coisas; ele, era muito influenciável. Teimoso e influenciável, disse João, sorrindo. Mas podia com certeza contar com

ele pelo lado do sentimento. A vida tinha-lhes sido fácil, em casa do pai, que era aquela em que continuava a viver com a Amália, a Mãe Amália... Não tinha vontade de tornar a sair mas telefonou a Vera. Sim, tudo tinha corrido bem, com o irmão, mas que lhe perdoasse, ia deitar-se. Esperava que ela amuasse, mas não, andavam todos numa grande tensão. A tia veio ao telefone, com autoridade: que tivesse coragem e não desistisse! O pai da Vera vinha a Lisboa no dia seguinte, mas ela não sabia o que vinha fazer. Não, não esperasse nada desse lado, seria antes o contrário, mas ela estava atenta. Só que o João não devia aparecer lá em casa. Ele combinou então com Vera encontrarem-se na faculdade, às onze, antes que o pai chegasse; ela tinha os exames à porta como desculpa de não estar em casa, mas era obrigada a vir almoçar com ele e com a tia, para não envenenar mais as coisas. Não, não, o pai não sabia que ele ia fugir ao apelo, continuava a pensar que ia para Angola. Só a tia estava ao corrente, mas não faria nada sem combinar com ele. E que podia ela fazer? João encolheu os ombros, desalentado de novo.

— Como é que está o teu irmão? — Amália veio vê-lo ao escritório. — E o Carlinhos? Não o viste, não é possível! Já deve estar grande, como o pai. Porque é que ele não aparece cá por casa? Muito trabalho, ora, ora, é mas é por causa da prenda da mulher. Viste-a, é claro. Continua a ser aquela beleza?...

João não queria dar-lhe resposta, a velha nunca gostara da mulher de Carlos, que procurara logo afastá-lo da família, e achara que devia pôr a criada no seu lugar. A menos que achasse que entre ela e o sogro havia alguma relação mais íntima. Carlos ficara furioso com a mulher, o Dr. Amílcar nem chegou a perceber a suspeita, mas Amália tinha sentido para coisas dessas e logo a detestou, e um dia não pôde mais e disse ao João que, se não fosse por causa do pai e do escândalo, rebentava com ela. Amália tinha já perto de setenta anos quando Carlos casou, e viera para a casa com a mãe que ajudara a criar, na quinta de Viseu; tinha então quarenta anos. João ouvia-a falar, divertido, das suas preocupações, e há vinte e cinco anos que a via, desde que nascera, e com ela contara, à morte da mãe, tinha ele dois anos e o irmão dez. Fora para ambos a Mãe Amália, mas o pai pedira-lhes que não lhe chamassem assim.